

PATAXÓ: MEMÓRIA, DESENHO E HISTÓRIA

Ianê de Albuquerque Predes

Mestranda em Desenho, Cultura e Interatividade pela Univ. Estadual de Feira de Santana (UEFS)

E-mail: ianepredes@yahoo.com.br

Palavras-chave: Índios Pataxós. Memória. Desenho. História.

1 Introdução

Os índios Pataxós habitam a região Sul da Bahia, bem antes de nesta terra aparecerem os portugueses para realizarem a colonização. Donos daquela imensidão, sua área hoje se restringe a 827 hectares de mata atlântica, localizada no território próximo a Porto Seguro.

A Reserva da Jaqueira, uma das aldeias onde vivem os índios Pataxós, está situada em Coroa Vermelha, região conhecida como Costa do Descobrimento. A Reserva é tida como um lugar sagrado, morada dos espíritos, no qual se praticam os rituais, para os índios Pataxós, ali o presente conserva o passado de um povo guerreiro, que preserva sua história, sua tradição e valoriza a cultura dos seus ancestrais.

Este artigo se volta à questão de como o índio Pataxó elabora o mundo em que se insere. Essa elaboração se dá através da história, cultura percepção, memória e do grafismo corporal que é construído a partir desses objetivos.

A memória individual constitui uma visão do social, narrando a História do povo pataxó por meio da sua pintura e dos testemunhos inseridos em seu corpo, que se tornam lugares de memória e ambientes da História, partindo da classe minoritária e das memórias subterrâneas que disputam seu lugar na memória nacional.

2 Uma Visão da Cultura Indígena Pataxó

A cultura é o que mantém vivo no espírito¹ de um povo² seus costumes³, sua tradição⁴. Alguns autores têm buscado uma definição para essa palavra que comporte um significado abrangente, porém muitos acabam sendo reducionistas.

Portanto, de acordo com Geertz (1989, p. 103), a cultura é tida como um *padrão de significados transmitidos historicamente*, como é percebido com o grupo indígena Pataxó, no qual seu presente confirma e mantém seu passado vivo, através dos atos e principalmente do grafismo corporal que conta sua história de lutas e conquistas, comunicando-se com o grupo e com o sobrenatural por ser considerado uma forma de linguagem. O que Geertz (1989) complementa que são:

[...] incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1989, p. 103).

Essas formas simbólicas estão presentes na linguagem da pintura feita em seus corpos, nos adornos que usam para se enfeitarem, está em seu artesanato, que hoje ajuda a manter a sobrevivência do grupo; nos rituais como o do Heruê, e cerimônias como o casamento; na gastronomia quando tradicionalmente preparam seu peixe na folha da patioba e na bebida feita com a folha da mandioca - o cauim, que também utilizam nos rituais e dias de festas.

Dessa forma, os índios Pataxós herdaram dos seus antepassados e transmitem através de gerações seus costumes e tradições, perpetuando toda sua existência entre o grupo que conserva na memória a origem e a história do seu povo.

A cultura pataxó além do artesanato e da pintura corporal que sobrevive no tempo e nos corpos, luta em busca da recuperação da sua língua que há muito lhes foi tirada por força, sendo proibidos e negados o direito de expressarem-se em sua linguagem nativa chamada patxôhã, que significa a língua do guerreiro. Pat é as iniciais da palavra pataxó; atxôhã quer dizer língua e xôhã significa guerreiro. Essa atitude demonstra a força de um povo que acredita ser o idioma o princípio fundamental da constituição de uma nação, pois sem isso o povo se desintegra.

¹ Espírito é empregado aqui equivalendo a sentido, significado, de acordo com Houaiss (2009).

² Grupo de indivíduos que formam uma nação ou vivem numa mesma região (Houaiss, 2009).

³ Hábitos, práticas, modo de pensar e agir característico de pessoa, povo (Houaiss, 2009).

⁴ Tradição aqui é empregada como dimensão temporal da cultura, que se reporta à sua formação no passado. Tradição seria tudo aquilo cultural que uma coletividade reconhece como sendo essencial para sua identidade, e que vincula sua existência atual com o passado GOMES (2008).

3 Percepção, Imagem e Memória no Grafismo Corporal Pataxó

Os índios pataxós através do uso do grafismo corporal reafirmam-se como um grupo étnico. O passado desse povo é a cada dia revivido, tendo em seu presente imagens que nutrem lembranças e experiências que perduram no tempo, conservadas em direção a um futuro imediato e indivisível.

A duração desse tempo existente que conecta o passado, presente e futuro, e também sensações e movimentos, para Bergson (2006) nada mais é do que a consciência.

A percepção aliada à consciência percorre uma trajetória rumo à memória, atestando que o passado não deixa de existir e sempre está interferindo no ato presente, seguindo para o futuro. Através desse percurso, o grafismo corporal se mantém dialogando com sua ancestralidade, com o sagrado e sua mitologia, revivendo e refazendo o ciclo perfeito e natural do devir.

Dessa forma, a memória ativada evoca um passado- as lembranças, que para o povo Pataxó se traduz na linguagem das imagens estampadas no corpo, revividas em atos cerimoniais ou de rituais, ou mesmo no cotidiano.

Com isso Merleau-Ponty (1999) complementa que as imagens presentes, são formas vividas em um passado, e que se tornam imediatas por serem percebidas e sentidas, a sensação passa a ser uma experiência realizada e uma vez introduzida, traduz-se em conhecimento, ou seja, o grafismo corporal indígena dialoga com o corpo, que se posiciona frente as suas memórias e registros, transcendendo o eu, para compor o objeto visto.

A pintura corporal indígena possibilita todo um significado, seja pela crença, ou pela simples comunicação que transmite um diálogo, ela registra em seu corpo a sua existência, é um corpo presente que existe e que se vê, dentro de uma rede de associações que não lida com a realidade sensível, sendo sua imagem entendida de forma subjetiva.

Ao ser analisada a pintura corporal fornecerá subsídios e experiências. Portanto, é a partir de uma interrogação criteriosa e sob o olhar, que a percepção vai ter significação, porém Merleau-Ponty (1999) adverte que se deve ir mais além, ou seja, interrogar a visão para que se dê o encontro dos corpos, o vidente seja visível e o corpo do índio Pataxó se comunique com toda a sua pintura, com seu grafismo e o seu modo singular de ser e de existir no mundo.

De acordo com Berger (1972), é através da vista que estabelecemos o nosso lugar no mundo, o autor acrescenta que por meio deste órgão construímos as imagens, que ficam retidas na memória e que vem de um passado interferir no tempo presente, pois de algum modo somos afetados por ela, do jeito que a vemos ou julgamos.

Dessa forma as imagens estampadas nos corpos indígenas sofrem várias interpretações, pois a cada visão existente uma idéia pode está associada, um novo diálogo é imposto e sempre haverá uma re-significação.

Por isso ao contemplar a ideia da visão, Berger (1972) advoga que as palavras se tornam insuficientes e não substituem a função da vista, pois essa é mais aprofundada, e dessa forma o que está ausente se faz presença, uma vez visto o inconsciente armazena e devolve ao consciente sob forma de imagem, dessa forma, só se percebe o que se olha e vê.

A pintura indígena tem o potencial e a força de evocar o ausente, corporificando-o e materializando-o. Os espíritos, o sagrado, o sobrenatural são evocados através do seu grafismo, para propor-lhe proteção, saúde, e reverenciá-los ou sob forma de agradecimento. A cultura indígena Pataxó por meio da sua pintura se comunica, e sendo comunicação é linguagem que origina significados, desta forma é um fenômeno que produz sentido.

Entender essa forma de transmissão é interagir com a cultura e a sociedade indígena Pataxó, por meio da sua pintura que permite esta realização à medida que seu símbolo comunica e dialoga, é fonte de informação e mensagem, necessitando ser significada ou re-significada como um signo exposto ao contato e visão.

4 História e Memória Coletiva e Social Pataxó

O ser humano em geral já nasce predisposto a ter uma memória que se processa em forma de imagens, e esta se realiza em cada pessoa emitindo cenas de um passado que revisita o consciente individual.

Cada pessoa revive suas histórias, sua vida. Porém, mesmo na singularidade existente, a memória forma-se a partir de uma coletividade, de um grupo no qual emanam recordações e lembranças.

Para Halbwachs (1999), a memória é um instrumento coletivo, onde é vivenciada e lembrada por participantes de uma mesma comunidade, sem que seja necessário materializar-se em outros corpos, pois através do relato, da narração as imagens vencem o esquecimento e tomam formas de lembranças.

Para o povo Pataxó, sendo originada no seio do grupo, dele retiram os ensinamentos, a tradição e a cultura que perpassa o tempo e o espaço resistindo à força renovadora da mudança e do desenvolvimento.

Conforme Halbwachs (1999), através da história uma memória é “implantada”, pela narração a imagem se faz presença. O povo Pataxó traz em sua memória a marca do passado

que reflete no presente, a história é a cada dia referenciada e revivida por cada membro, que se torna um ser ativo e participante, descrevendo e relatando fatos como se fossem testemunhas, constatando a coletividade da memória conservada e vivida no grupo.

Com isso confirma-se que a memória além de ter a sua individualidade por pertencer a cada um, também tem seu lado coletivo, à medida que se apóia nas lembranças dos outros integrantes Pataxós, que vivenciaram ou mantêm através da oralidade fatos vivos na lembrança da sociedade indígena.

Dessa forma, as gerações que constituíram suas memórias a partir de imagens reproduzidas de um passado que foi obtido por outras lembranças relatadas, revivem e relembram anualmente sua condição, sua etnia e sua afirmação cultural através da cerimônia do Araguaksã.

O povo Pataxó mantém enraizada sua cultura, a base da sua ancestralidade, que é constituída através das imagens do passado e contribuem para a formação da identidade do grupo, sobrevivendo dessa forma confiada na transmissão oral e principalmente por intermédio do grafismo realizado nos corpos, que narram à história.

A memória que ressurgir ao consciente sob a forma de imagens, é possuidora de um grande valor emocional e se compõe por sensações particulares e singulares que pertencem ao sujeito, sendo social, refaz-se por meio da ação do falar ou escrever.

Na sociedade Pataxó, o grafismo corporal constrói e narra à história social, evoca para cada momento ou situação, cenas de um passado coletivo que contribui para a formação do grupo e celebra a tradição, a força da cultura que sobrevive através do poder de transmissão dos conhecimentos e experiências incutidas na consciência do presente.

Os índios Pataxós de Coroa Vermelha trazem a sua história guardada na lembrança e não em textos escritos, sendo dessa forma um grupo que tem na origem uma grande fonte de informações para contribuir com a história de seu povo e da nação.

Segundo Fentress e Wickham (1992), o conhecimento sem o registro é um perigo, pois corre o risco de perde-se por força do tempo ou da própria memória que é vencida pelo esquecimento, pela Lete, e com isso uma parte da História do Brasil, que os índios não registraram, fica adormecida, talvez para sempre.

A história social é constituída com base em relatos, testemunhos oculares e memórias. A comunidade indígena Pataxó através de suas vivências e experiências reforça a identidade e a história de seu povo, pois para eles, o povo é guerreiro, é o que realmente acredita ser, divulgando suas lembranças que contribuem para a formação e constituição da memória social do seu povo.

Para Pierre Nora (1984), a memória é história à medida que se registra para dessa forma sobreviver. Esse autor acredita que a memória coletiva está materializando-se nos chamados lugares de memória, refletindo em uma continuidade e permanência da história.

A etnia Pataxó possui, sobrevive e afirma-se mediante uma memória, e por via desses valores asseguram a existência do grupo, por intermédio de um passado que influencia no presente e ilumina o futuro. Os Pataxós transitam entre a memória que é considerada real ou social, e a histórica que organiza o passado.

O grafismo indígena inserido no corpo, a cada dia vivifica e reafirma-se como lugar de memória. Nele a história é escrita, a tradição e cultura são semeadas, e muitas lembranças são exaltadas, a história é registrada, sendo seu corpo lugares de memórias, lugar de história.

A pintura Pataxó fundamenta o lugar de memória ao materializar-se e cumpre a função de transmitir seu diálogo com os mitos, sobrenatural e o próprio grupo. Tem a sua simbologia e identidade, por esse motivo, para Nora os lugares de memória estão contaminados por uma vontade de memória. Vontade que transborda em imagens grafadas no corpo.

Além da materialidade que caracteriza o lugar de memória, Pierre Nora (1984) destaca os simbólicos, que para os Pataxós tem uma representação e significação especial, e acontecem no ambiente de memória que é a Reserva da Jaqueira, onde em dias de rituais, festas e casamentos indígena produzem história, fato social. Neste lugar os Pataxó se reconhecem e identificam-se como um grupo social que perdura no tempo e registra seu presente por fatos evocados do passado salvaguardado.

Os lugares de memória existem para preservar o que a história transforma, arquiva e leva para os cemitérios. O ritual do Araguaksã é comemorado pela etnia Pataxó para resguardar a história da armadilha dos arquivos e museus, e também para que não caia no esquecimento e no silêncio, por isso Nora acredita que a memória constitui a história.

Sobre esquecimento e silêncio, Michael Pollak (1989) aborda sobre as memórias subterrâneas que reivindicam um reconhecimento público, enfrentando séries de conflitos e colocando a memória em disputa e competição para assegurar a sua continuidade.

A memória subterrânea abrange as classes minoritárias da qual está inserido os índios, que são tidos como minorias, excluídos e marginalizados. Porém Pollak (1989) acredita não ser necessário essas memórias se tornarem história, e sim, reivindicar e disputar seu lugar na memória nacional.

O índio Pataxó, como um dos primeiros habitantes desta terra tem um lugar na história e na memória do país que necessita ser buscada e revelada. O silêncio que perdura há séculos deve ser rompido e não dá espaço e vazão a uma memória proibida e clandestina, e ao mesmo

tempo lesada e traumatizada por lembranças que são transmitidas por meio da oralidade para futuras gerações, vivendo no seio do grupo.

O grupo mesmo fazendo parte de uma minoria, possuidora de uma memória subterrânea, é um povo forte e constituído. O seu passado interfere no momento presente e reforça seu sentimento de pertencimento, sua memória coletiva é enquadrada e limitada.

5 Desenho, Registro, Memória e História Pataxó

A memória preserva o passado do esquecimento, da morte e ao ser requisitado, seja inconsciente ou por meio da percepção, devolve este passado ao consciente sob forma de imagens.

O desenho é considerado a primeira forma de linguagem escrita. Em tempos remotos as sociedades ágrafas se utilizavam do desenho para registrar passagens da vida cotidiana, e manter uma comunicação com o grupo e o sagrado, perpetuando dessa forma sua existência, e entrando para a História, que tem por incumbência preservar.

Reis e Trinchão (1998, p. 158) observam que, *o homem conceito é imortal por pertencer ao mundo das idéias, o mundo real. Logo, são os seus feitos que deverão ser imortalizados pela História*. Assim, como a pintura rupestre perpetua a imagem do homem antigo sem a qual a História não teria sustentação, a pintura corporal Pataxó, preserva a memória do seu povo, dando significado e identidade para permanecer conservada por tempos imemoriais.

Baxandall (2006) pontua que ao analisar um quadro é necessário saber a sua história, vê apenas não explica, porém o seu desenho firme e a causa descrevem o aspecto e a história.

O grafismo corporal da etnia Pataxó ao ser realizado, busca na origem do seu povo uma relação existente para ser empregada na situação e no momento adequado, pintando seu quadro na tela natural do corpo, afirma a sua história.

Ao se descrever uma pintura indígena, não se explica nem se reproduz através da mente, pois os índios Pataxós atribuem as suas pinturas temas que busquem uma relação com a natureza, como por exemplo, a pintura do besouro, porém, por mais que se observa, não há traços que permitam associá-los e identificá-los com essa relação. A pintura corporal está ligada a fatores simbólicos e próprios da sua cultura.

O contexto que envolve o grafismo Pataxó deve ser analisado com base nas suas fontes, na origem de sua história, para assim poder ser identificado, e interpretado o quadro

que o artista indígena produz em seu corpo, pois sem essa condição, a pintura não se mostra como realmente é.

A pintura corporal Pataxó tem como causa a origem da própria história, em que se percebe uma forte relação com a natureza, os mitos, o sagrado, a luta e o luto, por este motivo o desenho e a cor da tinta são utilizados em momentos específicos que assim o admitam.

Para Baxandall (2006), os termos de efeito que causam o desenho firme, também devem ser analisados. As cores que são usadas na pintura corporal Pataxó, como já comentado, têm seus momentos específicos, como por exemplo, o vermelho é usado para representar a guerra; o preto representa o luto; a cor branca significa a paz.

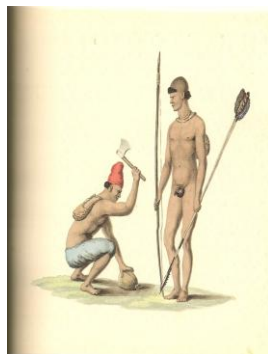
A pintura é composta por materiais que são extraídos da natureza como mikaré, kanuru, tap'oke, eató e txiãgá, ou seja, jenipapo, urucum, carvão, barro vermelho e barro branco. O jenipapo é usado quando se pratica o ritual do Heruê que também é conhecido por Awê, e o urucum é usado nas festas e lutas.

Baxandall (2006) declara que os termos de efeito acompanham o olhar do observador, por suas formas, cores e subjetividade. Ao ser analisados causam estado de comoção e encantamento que uma descrição não poderia nunca apresentar.

As imagens por seu forte poder de sedução e testemunho despertam o interesse como evidência de fatos passados. Ao olhar a imagem do ritual fica na memória a certeza que ele aconteceu e foi registrado.

Peter Burke (2004) adverte quanto ao perigo em relação ao uso das imagens como evidências, pois além de possuírem intencionalidade, podem ser forjadas, levando a interpretações errôneas. Porém, podem ser um aliado para a compreensão de uma época.

A imagem indígena que é relatada na época do descobrimento do Brasil, contrapõe-se a do príncipe Maximiliano quando aqui esteve em 1815, por isso, mesmo com o decorrer dos anos, uma análise é necessária, para que depois se complemente a escrita da história, pois o seu teor é subjetivo e de acordo com Burke (2004, p. 11) *as imagens têm o seu lugar ao lado de textos literários e testemunhos orais.*



Como as imagens são utilizadas para compreender uma época, uma história, Peter Burke (2004) fala da invisibilidade do visual, ou seja, os acontecimentos cotidianos e os contextos sociais pelas quais foram produzidas remetem à história.

Para os Pataxós, o processo de recuperação da pintura corporal começou a ser feito com o desenho executado primeiro no papel, para que assim pudessem se aperfeiçoar até chegar a pintar o corpo.

Para os índios Pataxós, a parte mais importante do corpo que eles consideram para ser pintada, é o rosto. Eles usam traços que identificam como em uma linguagem, a condição civil de quem a usa. Através dos traços é possível saber se são casados ou solteiros.

No rosto, a pintura é considerada obrigatória pelo objetivo que desempenha. Porém, no corpo ela é livre. Pintam mais a parte frontal e dorsal com variados grafismo, no qual o que mais se destaca é a pintura do besouro.

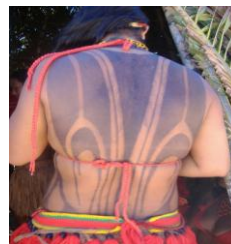
6 Alguns Temas da Pintura Corporal Pataxó

BESOIRO

O besouro para os índios Pataxó é considerado um guerreiro. Tem força de luta e pode atacar a jaqueira (*artocarpus heterophyllus*), destruindo-a até a morte. O inseto possui dois chifres e tem nas costas uma forma que inspirou o grafismo indígena dos Pataxós.



Pintura dorsal do
Besouro masculina



pintura dorsal do
Besouro feminina

TXÔPAY

Além do besouro, outro tema para a pintura corporal usada pelos índios da etnia Pataxó é Txôpay que significa o Protetor. É desenhado nos braços tanto masculino como feminino, e é representado através de um traço geométrico horizontal, grosso e preenchido com tinta preta a base de jenipapo.

Nos braços além da pintura de Txôpay, a etnia Pataxó realiza o grafismo de identificação de cada aldeia, que é pintado acima do traço horizontal que significa o protetor. O desenho é feito através de três barras em sentido vertical, em que o retângulo maior que está centralizado, representa a Aldeia de Barra Velha, por ser a aldeia considerada mãe, originária de todas as outras. Os outros dois retângulos que se encontram ao lado do principal, representam outras aldeias, como por exemplo, a Reserva da Jaqueira, e uma que esteja mais próxima a ela, e assim sucessivamente.

Ainda nos braços, alguns símbolos são representados. No masculino é pintado o símbolo feminino que significa equilíbrio, amor e proteção. No feminino, o desenho estampado é o símbolo masculino de força, união e também de proteção.

ASA DO MORCEGO

A pintura corporal indígena Pataxó envolve todo um pensamento com sentido mágico. Na Reserva da Jaqueira, como já foi dito, o tema que predomina é o do besouro. Em Nova Coroa, a pintura está relacionada à asa de morcego, por este mamífero trazer inserido o sentido de reflorestamento.



Pintura do Morcego



Pintura do morcego

A pintura corporal para eles representa a cultura e a tradição, além de acentuar a preocupação dos índios com a natureza. Usada diariamente em adultos e também em crianças segundo exigências sagradas, para não “morrer” ou desaparecer, pois a pintura enfeita os “kitokos” (crianças).

A pintura corporal indígena Pataxó está relacionada a formas zoomórficas. Em Corumbauzinho, por exemplo, os índios pitam a tartaruga devido à força do animal que não se cansa e alcançam objetivos.

Na aldeia de Coroa Vermelha, temas como cobra, onça, peixe e borboleta são pintados em momentos específicos. Porém o que se pode perceber, é que a pintura que foi atribuída a “cobra” para uma aldeia, em outra recebe o significado de “caminho”.

Para Eduardo Paiva (2006), as imagens também podem ser consideradas uma fonte perigosa de informações, quando mal interpretadas, ou sendo elas forjadas, pois suscitam no que o autor denomina de armadilhas. Dessa forma, ele adverte que é necessário filtrar as imagens e registros iconográficos, preocupar-se também com as apropriações indevidas.

No grafismo corporal indígena, as imagens deixam sensações que necessitam ser compreendidas e Paiva (2006, p. 19) acrescenta que há lacunas, silêncios e códigos que precisam ser decifrados, identificados e compreendidos, só assim, o diálogo acontecerá, no contexto da sua cultura, o que Xavier (2001) afirma e complementa que assim a iconografia será completa, pois cumpre a finalidade, a identificação e a justificação.

Por outro lado, Meneses acredita que só a iconografia não seria suficiente para uma interpretação, é necessário ter visualidade, ir mais além das fontes, pois as imagens são subjetivas e para compreendê-las tem que conhecer a sociedade da qual se originou.

Na sociedade indígena Pataxó, o uso do grafismo corporal faz parte da sua cultura, e consiste em elementos que identificam o próprio índio diante da comunidade. A partir desses elementos, o Pataxó declara suas crenças, cultos e mitos, sendo possível uma aproximação com sua realidade e interação entre o observador e o observado.

A partir da materialidade, ou seja, das imagens do grafismo corporal, os Pataxó apresentam em sua cultura traços fortes e valores que os identificam construídos por mediação visual, na qual sua história sobrevive.

6 Considerações Finais

A memória é detentora da história, por ela se reconstrói um passado salvaguardado do esquecimento e da morte.

As imagens que ela fornece, são de fundamental importância, principalmente para quem vai em busca da história.

Esse artigo procurou mostrar a trajetória do desenho desde o despertar da percepção até o uso atribuído as imagens, dando ênfase ao grafismo corporal do grupo indígena Pataxó de Coroa Vermelha, por este ser objeto da pesquisa em destaque.

Dentro de cada tema tratado, uma re-significação e releitura permeou a pintura corporal, procurando dessa forma, contribuir para que as memórias e a história desse povo possam em um futuro próximo ocupar seu lugar na História Nacional.

Referências

BAXANDALL, Michael. Linguagem e explicação. A ponte do Rio Forth, de Benjamin Baker. In: _____. *Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BERGER, John. A vista chega antes das palavras. In: _____. *Modos de ver*. Lisboa: Edições 70, 1972.

BERGSON, Henri. Da sobrevivência das imagens. A memória e o espírito. In: _____. *Matéria e memória: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.

FENTRESS, James; WICKMAM, Chris. *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, 1992.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora Afiliada, 1989.

GOMES, Marcio Pereira. *Antropologia: ciência do homem: filosofia da cultura*. São Paulo: Contexto, 2008.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

MAXIMILIANO. Príncipe de Wild Neuwied. *Viagem ao Brasil*. Tradução de Edgar Süsskind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueired. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, Cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 45. Disponível em: <<http://www.scielo.br/php?script=sciarttex&pid=s0102-01882003000100002>>. Acesso em: 10 out. 2009.

MERLEUA-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *O olho e o espírito*. 2. ed. Lisboa: Veja, 2006.

NORA, Pierre. *Entre a memória e a história: os lugares de memória*. Tradução de Patrícia Farias. Traduzido do original francês publicado “Les lieux de mémoire”. Paris: Gallimard, v. 1 (La Republique), 1984.

PAIVA, Eduardo França. *A iconografia na história. História & imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. Disponível em: <[http://www2.uel.br//cch/cdph/arqtxt/Memoria esquecimento silencio.pdf](http://www2.uel.br//cch/cdph/arqtxt/Memoria%20esquecimento%20silencio.pdf)>. Acesso em: 14 nov. 2009.

LEITURAS PATAXÓ: raízes e vivências do povo pataxó nas escolas. Salvador: MEC/FNDE/SEC/SUDEB, 2005.

TRINCHÃO, Gláucia M. Costa; OLIVEIRA, Lysie Reis. A História contada a partir do desenho. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENGENHARIA GRÁFICA NAS ARTES E NO DESENHO E SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMETRIA DESCRITIVA E DESENHO TÉCNICO, 12., 1998, Feira de Santana. *Anais do Gráfica 98*. Feira de Santana: 1998, p. 35-43.

XAVIER, Pedro do Amaral. Para uma história da iconografia. In: _____. *A morte: símbolos e alegorias*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.